

Annemarie

SCHWARZENBACH –
a nómada DA PALAVRA –
cem anos APÓS o seu
nascimento

Lurdes Gonçalves*
Márcia Lemos**
Universidade do Porto

Comemorou-se, no dia 23 de Maio de 2008, o centenário do nascimento da escritora suíça Annemarie Schwarzenbach. A data foi assinalada com uma "leitura planetária" de textos da autora, promovida pela *Association des amis d'Annemarie Schwarzenbach*,¹ sediada em Genebra, que contou com a participação de cidades dos quatro cantos do mundo. Em Portugal, Porto e Lisboa associaram-se ao evento, organizando exposições bio-bibliográficas e juntando-se à "leitura planetária" que decorreu, em simultâneo, em todas as cidades aderentes.

No Porto, a homenagem a Annemarie Schwarzenbach foi implementada pelo Departamento de Estudos Germanísticos, representado pelo Professor Doutor Gonçalo Vilas-Boas, que tivemos a oportunidade de entrevistar, e pela Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). A exposição sobre a vida e a obra da autora esteve aberta ao público durante todo o mês de Maio.

>>

Fig. 1

Pormenor da exposição dedicada a Annemarie Schwarzenbach, patente ao público, no átrio da Biblioteca Central da FLUP.



Annemarie Schwarzenbach nasceu a 23 de Maio de 1908, em Zurique, na Suíça, no seio de uma família abastada e conservadora. De personalidade complexa e irreverente, cedo tentou libertar-se da atenção obsessiva da mãe, procurando espaços de evasão como a viagem ou a escrita.

Multi-facetada, deu-se a conhecer ao mundo enquanto fotógrafa, jornalista, poeta, romancista, viajante... De espírito rebelde e inquieto, procurava encontrar-se em todos os textos que escrevia e em todos os locais que visitava. E foram muitos: do Congo à Pérsia, do Afeganistão aos Estados Unidos, passando pelo Médio Oriente e a Ásia Central. Este seu deslocamento constante está bem patente no filme *Une Suisse Rebelle: Annemarie Schwarzenbach 1908-1942*, de Carole Bonstein, que procura pintar o retrato da vida e da obra da autora, recorrendo a imagens de arquivo inéditas, entrevistas e excertos do seu diário, cartas e textos literários.

Nas suas muitas viagens, Annemarie Schwarzenbach teve a oportunidade de visitar Portugal, tendo escrito, inclusivamente, mais de duas dezenas de artigos sobre o país, o que demonstra bem o seu interesse por Portugal e pelas relações luso-helvéticas. Em 1941, num texto intitulado "Rückkehr nach Lissabon" ("Regresso a Lisboa"), a escritora confessava:

De todas as cidades que conheço nenhuma me acolheu tão bem como Lisboa (...). Como me senti feliz, ao percorrer, pela primeira vez, as suas ruelas estreitas e íngremes, ao parar diante de uma fonte, ao distinguir rostos conhecidos num café situado numa praça barulhenta e animada, ao comprar um jornal suíço a um miúdo de cabelo crespo, já a noite ia alta, e, na manhã seguinte, ao avistar de um palácio implantado na exuberância dos trópicos, no verde esmeralda e nas primeiras flores do ano, a superfície cintilante do porto, coberta de navios, galhardetes e chaminés! (Annemarie Schwarzenbach, 1941: 58-59)

>>

Pouco tempo antes do acidente que causou a sua morte prematura, Annemarie equacionava mesmo mudar-se para o país cujas gentes a haviam acolhido e acarinhado aquando das suas visitas anteriores; gentes que recordava pelas cores, os cheiros, a "alegria de existir" e os "costumes amáveis, de uma gentileza quase despreocupada" (*idem*, 60).

Esta visão idílica de Portugal, por ventura idealizada pela escritora na exaltação do seu regresso à Europa – "Poucas semanas tinham passado e eu sentia-me como que inebriada pelo sentimento de ser europeia" (*ibidem*) –, contrastava com a descrição dos países vizinhos – "uma Espanha minada pela fome" e "uma França vencida" (*ibidem*) –, indiscutivelmente mais marcados pela destruição física e moral provocada pelo seu envolvimento na Segunda Grande Guerra Mundial, um dos conflitos mais mortíferos da história da Humanidade.²

Annemarie Schwarzenbach foi, contrariamente à sua família, uma opositora declarada à ascensão de Hitler e às suas práticas totalitaristas. Nos seus muitos artigos de denúncia do

regime fascista – raramente publicados! –, a escritora exprime a sua revolta contra a inércia das autoridades suíças que, sob o pretexto da neutralidade, permaneciam indiferentes a todos os atropelos aos direitos dos seres humanos que eram cometidos. Para Annemarie Schwarzenbach, procurar preservar a neutralidade num conflito de tal gravidade era, não apenas impossível, mas também imoral.

A escritora suíça acabaria por morrer muito jovem, em 1942, três anos antes do final da Segunda Grande Guerra. Depois de um período de algum esquecimento, a obra e a autora foram reencontradas por críticos e leitores que têm, na literatura de viagens, uma área de interesse. Annemarie Schwarzenbach encontra-se actualmente traduzida em francês, italiano, português e espanhol. Em Portugal, estão já publicados a *Novela Lírica* (Granito, Porto, 2002) e o volume *Annemarie Schwarzenbach em Portugal (1941, 1942)* (CIEG/Minerva, Coimbra, 2004).

Na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, as celebrações do centenário do nascimento de Annemarie Schwarzenbach motivaram a tradução de diversos textos da autora, a cargo de estudantes de Estudos Alemães. A leitura destes textos permitiu associar a cidade do Porto à "leitura planetária" promovida pela referida *Association des amis d'Annemarie Schwarzenbach*, como se regista, aliás, na **figura 2**.

No final deste artigo, publicamos ainda uma tradução de *Die Steppe (A Estepe)* realizada por Andreia Azevedo da Silva e Catarina Helena Carvalho (estudantes de licenciatura em Estudos Alemães da FLUP), sob a supervisão da Professora Doutora Teresa Oliveira.

Fig. 2

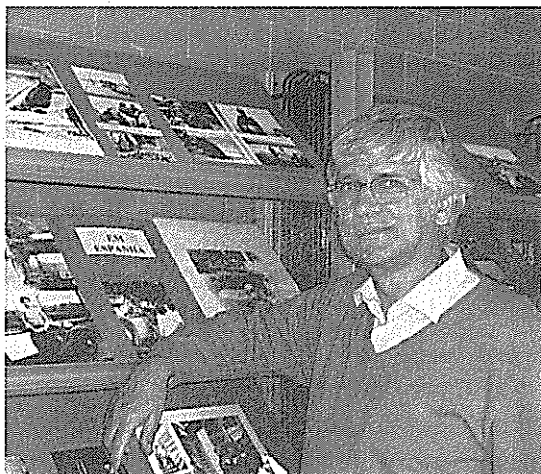
Leitura de traduções portuguesas de textos de Annemarie Schwarzenbach, realizada no átrio da Biblioteca Central da FLUP.



Transcrevemos, em seguida, a entrevista a Gonçalo Vilas-Boas a quem coube apresentar a sessão de leitura dos textos.

Fig. 3

Gonçalo Vilas-Boas, organizador da "leitura planetária" e da exposição sobre Annemarie Schwarzenbach, realizadas na FLUP.



Gonçalo Vilas-Boas é Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde lecciona literatura de expressão alemã. É, igualmente, desde 1999, presidente do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa.

Doutorou-se em 1987 com uma tese sobre Wolfgang Koeppen intitulada *A trilogia de Wolfgang Koeppen: um discurso de resistência*. Tem publicado diversos trabalhos sobre literatura de expressão alemã do século XX – focando especialmente autores suíços (Robert Walser, Annemarie Schwarzenbach, Max Frisch, Friedrich Dürrenmatt, Otto F. Walter e outros) –, bem como sobre literatura de viagens e sobre o tema do labirinto, centrado em Dédalo, Minotauro e Ícaro.

É responsável pela organização de diferentes volumes, dos quais destacamos os seguintes: *Kafka: Perspectivas e Leituras do Universo Kafkiano* (com Zaida Rocha Ferreira, Lisboa, 1984); *Crime, Detecção e Castigo: Estudos sobre Literatura Policial* (com Maria de Lurdes Sampaio, Porto, 2001) e *Partir de Suisse, Revenir en Suisse/ Von der Schweiz Weg, in die Schweiz Zurück* (2003). Editou ainda uma antologia do conto suíço e outra com contos nórdicos, assim como dois livros de Annemarie Schwarzenbach e um artigo sobre a autora intitulado “‘Agora o coração tem de ser forte e a criatura’: Textos jornalísticos de Annemarie Schwarzenbach de 1941-1942”, (*Cadernos de Literatura Comparada*, nºs 10/11, Porto, 2004).

Nesta entrevista fala-nos de Annemarie Schwarzenbach, da sua obra e das razões que o levaram a associar-se às comemorações do centenário do nascimento da autora suíça.

Por que razão decidiu associar-se às comemorações do centenário do nascimento de Annemarie Schwarzenbach?

Desde 1987 a obra de Annemarie Schwarzenbach tem sido recepcionada com regularidade, sobretudo no seu país e na Alemanha, como prova a história das edições da sua obra na Lenos, de Basileia, e o número de trabalhos académicos escritos sobre a sua obra. É também um facto que, por vezes, o interesse tem recaído mais na fascinante vida da autora e menos na

obra, como se vê pelo número de biografias e filmes documentais. Nos últimos anos, contudo, a atenção tem-se voltado para as obras ficcionais (romances, novelas e contos) e para as reportagens escritas em consequência das inúmeras viagens que efectuou até 1942, ano em que faleceu. O interesse por Annemarie Schwarzenbach manifestou-se também na fundação da associação "Les Amis d'Annemarie Schwarzenbach", em Genebra. Foi esta Associação que teve a iniciativa de organizar o que se chamou "uma leitura planetária": no dia em que Annemarie Schwarzenbach teria feito 100 anos, pessoas em todo o mundo leriam textos da autora. No Departamento de Estudos Germanísticos da FLUP decidimos aliar-nos a essa iniciativa, uma vez que a autora é leccionada em programas de Literatura de Expressão Alemã. Também em Lisboa se realizou uma leitura pública inserida nesta iniciativa: Emília Tavares e Sónia Serrano organizaram na Fábrica Braço de Prata uma leitura muito concorrida.

>>

Annemarie Schwarzenbach foi uma mulher multi-facetada: jornalista, romancista, poeta e fotógrafa. Na sua opinião, em qual destas áreas se destacou mais?

Poderei dizer que a área em que menos se manifestou foi a da poesia. De facto, só no final da vida escreveu poemas, que só agora foram publicados em forma de livro, na Bélgica, numa edição bilingue. As outras três áreas estão bem representadas na obra de Annemarie Schwarzenbach. Escreveu mais de 250 reportagens, umas de carácter jornalístico, outras como reportagens de carácter mais pessoal sobre os territórios visitados. Alguns artigos foram publicados com fotografias. No Arquivo Literário de Berna conta-se com perto de 7000 negativos. A atenção sobre esse aspecto da produção da autora é recente, estando em curso a sua digitalização. Através da fotografia, centrada na paisagem e sobretudo nas pessoas que a habitam, narra-se de modo diferente aquilo que o leitor pode apreciar nas reportagens. As fotografias não ilustram as reportagens,

antes as complementam. Quanto à prosa ficcional, ela é algo desigual. O primeiro romance, *Amigos à volta de Bernhard*, foi bem recebido pela crítica da época pelo lado moderno, pelo olhar e pelo dar voz a uma geração que procura o seu caminho, mas não é uma obra muito cativante para muitos dos leitores de hoje. A segunda obra, *Novela Lírica*, pelo contrário, foi mal recebida na época – Hitler já tinha subido ao poder e não se apreciava ficção demasiado subjectiva, confessional, pouco musculada, como escrevia um crítico da época. Hoje é um livro traduzido em várias línguas e tem recebido o interesse sobretudo de uma camada jovem de leitores, que sentem a dificuldade de relacionamento na sociedade convencional. É a história camuflada de uma relação lésbica, mas que aponta sobretudo, e aqui reside a sua actualidade, para a impossibilidade de qualquer relação baseada na obsessão, em que a figura principal (e simultaneamente narrador) ama mais a imagem que constrói da amada do que a pessoa propriamente dita. O romance seguinte não tem tido grande eco: de facto, *A fuga para as alturas* é um romance mais convencional, que Annemarie Schwarzenbach escreveu respeitando as convenções literárias da época em detrimento do seu discurso muito pessoal, centrado na vida interior da personagem narradora. Só foi publicado postumamente em 1999 e somente pelo interesse suscitado pelas outras obras. O último romance que publicou foi *O Vale Feliz*, um texto muito poético, mas de difícil leitura, porque é a voz interior de uma figura atormentada, oscilando entre a memória da juventude, o amor impossível pela filha do embaixador turco na Pérsia, as viagens que efectuou anteriormente, o seu sentido de impotência e o desejo de um mundo com outros valores, mas que ela não consegue descrever, pois é abstracto, irreal, idealizado. Foi publicada na década de 90 a primeira versão da obra, não prevista para publicação pela autora, *A Morte na Pérsia*: trata-se de uma versão menos trabalhada literariamente, e, como tal, mais “autêntica”. É esse livro que será traduzido brevemente em Portugal, na editora Tinta da China.

Annemarie Schwarzenbach é unanimemente reconhecida como um espírito rebelde constantemente em busca de si mesma. De que forma se manifestava essa rebeldia?

Annemarie Schwarzenbach cresceu numa família muito conservadora, claramente apoiante do nacional-socialismo alemão. A autora revoltou-se contra essa atitude saindo de casa, seguindo de perto os trajectos anti-nazis de Erika e Klaus Mann, filhos de Thomas Mann. As viagens permanentes, a tentativa de se engajar politicamente e sobretudo a escrita foram manifestações de uma rebeldia, que, exteriormente, parecia mais uma revolta individual face ao seu próprio mundo do que uma revolta política. Trata-se de uma revolta do indivíduo face a um mundo em queda de valores e da sua integridade política.

>>

O presente volume dos *Cadernos de Literatura Comparada* é dedicado à Literatura de Viagens. Qual foi o contributo da obra de Annemarie Schwarzenbach para o desenvolvimento deste género literário?

Annemarie Schwarzenbach foi uma grande viajante. Inicialmente, as viagens ao Médio Oriente estiveram relacionadas com o trabalho em campos arqueológicos (não se deve esquecer que a escritora era doutorada em História). Os textos que escreveu sobre estas viagens foram publicados em diferentes jornais helvéticos. Mais tarde, os textos ganharam um cunho mais poético, a autora manifestava aí as suas preocupações, a sua melancolia, as suas desilusões. Não se trata de descrever as zonas em que viaja, mas a relação com as paisagens, as outras realidades, diferentes das europeias, mas em risco de desaparecerem face ao progresso, aos processos de modernização, que não podiam pactuar com o nomadismo e outras formas de vivência. É este aspecto do interrelacionamento entre a paisagem e a vida interior da autora/repórter que a diferencia de muitos outros textos de viagem da década de 30.

Qual o reconhecimento da autora e da sua obra na Suíça, seu país natal?

A Suíça e a Alemanha são os países onde ela mais tem sido recepcionada. Annemarie Schwarzenbach é, pode-se dizer assim, uma autora pouco suíça, não se integrando nas práticas literárias suíças da época. Hoje em dia é uma figura canónica da literatura suíça de expressão alemã. Até há um comboio rápido que sustenta o seu nome (cada composição ostenta um nome de uma pessoa relevante da cultura helvética).

De que modo se tem processado a recepção da obra da autora em Portugal?

Em Portugal, Annemarie Schwarzenbach é uma autora praticamente desconhecida. Em 2002 publicou-se *A Novela Lírica*, que a crítica infelizmente ignorou quase completamente. Foram também publicadas pelo CIEG e pela editora Minerva, de Coimbra, alguns dos textos que Annemarie Schwarzenbach escreveu enquanto esteve em Portugal, em 1941 e 1942. Agora está prevista a publicação do livro que acima referi. Uma boa divulgação foi dada no jornal *Público* por ocasião do centenário do nascimento de Annemarie Schwarzenbach em artigos de Alexandra Lucas Coelho e Ana Isabel Mineiro, mas também no jornal portuense *O Primeiro de Janeiro*, num artigo de Júlia Cândido. Está prevista uma exposição fotográfica no Museu do Chiado, o que, certamente, irá projectar o nome da autora e jornalista. Já em 1998 foi apresentada na FLUP, e posteriormente na UTAD, uma exposição fotográfica vinda de Sils-Maria, na Suíça.

Nas unidades curriculares que actualmente lecciona inclui a consideração de algum trabalho da autora? Em caso afirmativo, qual é a reacção dos alunos à obra de Annemarie Schwarzenbach?

Desde 1997 incluo com alguma regularidade textos desta autora nos meus programas de literatura de expressão alemã na FLUP.

É difícil para um docente responder com rigor à questão do modo como os alunos reagem aos textos escolhidos. Poderei, contudo, afirmar que os alunos reagiram bem aos textos de viagem e à *Novela Lírica*, menos bem a *O Vale Feliz*, um livro muito complexo, sem acção, manifestando essencialmente as perturbações interiores da figura principal. É difícil entrar neste texto numa primeira leitura!

Sabemos que está neste momento a orientar uma tese de mestrado que versa sobre o trabalho da escritora suíça. Pode falar-nos um pouco sobre o projecto da dissertação?

>>

Já foram defendidas duas dissertações de mestrado sobre Annemarie Schwarzenbach na FLUP. A que estou a orientar presentemente com a colega Professora Doutora Fátima Outeirinho, no âmbito do Mestrado em Literaturas e Culturas Comparadas, tem a ver com a comparação de diversos relatos de viagem ao Próximo e Médio Oriente no século XX, da autoria de Annemarie Schwarzenbach, Nicolas Bouvier e Robert Byron. Pretende-se perceber o modo como os três autores constroem a sua visão daqueles espaços, tendo em conta os respectivos contextos de origem, os discursos da época e os modos como os textos são publicados. <<

NOTAS

* Lurdes Gonçalves é assessora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa.

** Márcia Lemos é assistente de investigação do Projecto *Utopias Literárias e o Pensamento Utopico: a Cultura Portuguesa e a Tradição Intelectual do Ocidente III*.

[1] Vide www.annemarieschwarzenbach.eu/

[2] Sobre este assunto, escreve Gonçalo Vilas-Boas em "Um olhar Suo sobre Portugal. Annemarie Schwarzenbach em Lisboa em 1941 e 1942": "A autora não teve tempo de compreender o regime português, de o ver por trás da máscara que ela própria criou e de que necessitava naquele tempo como defesa. (...) [Annemarie Schwarzenbach] não percebe que o regime salazarista  também um regime ditatorial, ainda que não comparável com os da Alemanha de Hitler e da Itália de Mussolini. (...) Assim, mascarou Lisboa de idílio, daquilo que ela própria necessitava. Idlio, mesmo quando observava mais criticamente um ou outro aspecto da realidade portuguesa. A sua crítica centra-se sobretudo na questão da pobreza e dos refugiados em geral, ligando-se deste modo  temática anti-nazi de textos anteriores." (Vilas-Boas, 2004: 33-34)

184>185

BIBLIOGRAFIA √

Une Suisse Rebelle: Annemarie Schwarzenbach 1908-1942 (2000), real. Carole Bonstein, Trobadour Films.

Schwarzenbach, Annemarie (2004) [1941], "Regresso a Lisboa", Annemarie Schwarzenbach em Portugal (1941, 1942), *Cadernos do CIEG* (Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos), não 11, Coimbra.

Vilas-Boas, Gonçalo (2004), "Um olhar Suo sobre Portugal. Annemarie Schwarzenbach em Lisboa em 1941 e 1942", in *Annemarie Schwarzenbach em Portugal (1941, 1942), Cadernos do CIEG* (Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos), não 11, Coimbra.